em.com.brConheça a primeira faculdade de farmácia da AL e seus curiosos remédios

Em livro, professor conta a história da Escola de Farmácia de Ouro Preto, fundada há 180 anos. Museu completa a viagem no tempo

Gustavo Werneck (https://www.em.com.br/busca?autor=Gustavo Werneck)

postado em 08/09/2019 06:00 / atualizado em 08/09/2019 07:25



O professor Victor Vieira de Godoy mergulhou durante meses em pesquisa para transformar em obra de arte a história da faculdade, onde se formou em 1973

(foto: FOTOS JAIR AMARAL/EM/D.A PRESS)

Ouro Preto – Nos armários de madeira caprichosamente preservados, há **frascos com substâncias** que, em pleno século 21, podem surpreender ou deixar muita gente, no mínimo, curiosa. Vamos lá: sob o rótulo decorado com rosas miúdas estão as **raspas de ponta de veado**, enquanto ao lado, identificado pela etiqueta escrita a caneta-tinteiro, fica o vidro com tintura de *Cannabis indica*. Mais adiante, os olhos atentos descobrem os besourinhos verdes conhecidos

cientificamente por **cantáridas** e, em tempos idos, fundamentais na composição de poderoso **afrodisíaco**.

Diante das prateleiras com tantas "preciosidades" naturais, destaques de um dos vários ambientes do **Museu da Farmácia, em Ouro Preto**, o professor **Victor Vieira de Godoy**, de 71 anos, explica a finalidade das duas primeiras matérias-primas, que pertenceram a uma antiga "pharmacia" da cidade e foram doadas à instituição. Se as raspas de ponta de veado, retiradas em lascas do chifre do animal, entravam nas fórmulas de medicamentos de combate à tosse e à diarreia, a Cannabis indica era "receitada" como calmante.

"Sabia que a maconha (*Cannabis sativa*) só foi proibida no Brasil na década de 1930?", pergunta o professor aposentado da **Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop)**, na Região Central, e um dos criadores do equipamento cultural e científico localizado no Centro Histórico da cidade, a poucos metros da Praça Tiradentes. Apaixonado pela profissão e pelos laboratórios, universo que faz os olhos brilharem, Victor está lançando o **livro *A Escola de Farmácia de Ouro Preto – A memória sublimada***, contando a **história dos 180 anos** da instituição de ensino, completados em 4 de abril.

Se considerada de forma isolada, sem estar vinculada à medicina, a Escola de Farmácia de Ouro Preto é a **primeira da América Latina** e, desde 1839, funciona continuamente. Para celebrar a data e apresentar ao mundo um acervo de valor incomparável, o profissional formado em 1973 mergulhou fundo durante meses nas pesquisas a fim de se dedicar à obra com fotos de arquivo, outras tantas feitas por ele e pelo filho, Lucas de Godoy, reproduções de gravuras antigas e esmero editorial que entrega ao leitor uma obra de arte.

CORES VIVAS



Parte do acervo do museu, rosto esculpido em cera para aulas de anatomia

Na tarde de quarta-feira, após receber o livro com 368 páginas das mãos do autor que fala da escola onde se graduou com amor quase filial, a equipe do EM pôde conhecer, de perto, cada parte do museu em funcionamento há três décadas no chamado **"casarão azul"** de propriedade da Ufop. O **prédio, do século 19**, originalmente destino à Escola Normal, se tornou, na verdade, sede da Primeira Constituinte de Minas, em 1889, ano da Proclamação da República. Se o azul, embora um pouco desbotado pelo tempo, domina a fachada, três cores nortearam a obra dividida em duas partes: a primeira, com 32 capítulos, abordando o período monárquico, e a segunda, com 22, sobre o republicano.

Presentes no estandarte da Escola de Farmácia (antes **Pharmacia**) de Ouro Preto, o verde, o vermelho e o amarelo fazem todo o sentido nessa trajetória fascinante e ainda desconhecida de muitos brasileiros, pois representam "as competências e anseios dos farmacêuticos". O professor abre o exemplar nas primeiras páginas e mostra o verde simbolizando a vegetação local: "O **verde da clorofila**, elemento vital das plantas, de onde era extraída a quase totalidade das substâncias com ação farmacológica dos medicamentos daquela época (século 19), caracteriza os **mistérios da natureza**".

Já o vermelho marca uma das peças mais espetaculares do museu e ganhou realce logo no início – trata-se do **rosto de uma mulher, esculpido em cera para aulas de anatomia**, com a face direita aberta para deixar à vista terminações nervosas e músculos. "É o **vermelho da corrente sanguínea**, que transporta o medicamento até seu local de ação, demonstrando o conhecimento do corpo humano". E tem o **amarelo**, "cor ardente, atributo do poder, símbolo da eternidade", representando **conhecimento técnico**, anseios de sobrevivência e reconhecimento da profissão farmacêutica pela sociedade".

O subtítulo do livro, *A memória sublimada*, tem a ver com a **química dos elementos e os mistérios da passagem do tempo**, numa metáfora das ações e transformações. Compreendida como a mudança do estado sólido para o estado gasoso, sem passar pelo líquido, a sublimação, para quem trabalha com arquivos históricos, pode ser a forma de aquecer o interesse pelo conhecimento. "Os fatos se solidificam e voltam à vida, para, na sequência, como vapor, pousar nas páginas dos livros. Já a memória é o jeito que se tem de tentar parar o tempo, esse incontrolável". Em resumo, é **a força da pesquisa** movendo a vida e refinando o conhecimento para a posteridade.

Explicando que há, sobre Ouro Preto, um foco maior no século 18, quando ocorreram o apogeu e decadência do ouro, e pouco no 19, Victor revela que seu maior interesse, ao escrever o livro, foi contar a história e mantê-la viva. "No

século 19, 95% dos medicamentos eram de origem vegetal, e apenas 5% de origem mineral e animal". Caminhando pelas dependências do **Museu da Farmácia**, torna-se um grande prazer ver os variados frascos, caixas e potes, saber a utilidade de instrumentos centenários e respirar num ambiente que remete aos alquimistas, às pessoas que conheciam as ervas e sabiam do seu poder de cura.

RESISTÊNCIA



Acervo da farmácia com ph: beladona e Cannabis para fórmula de medicamentos

Diante dos quadros com as fotos dos pioneiros, Victor diz que a **iniciativa de criação** das escolas de farmácia, que deveria ser a culminância de um esforço governamental para organizar a precária qualidade de vida da população, **estava longe de ser um consenso** na província de Minas. "O próprio presidente da província, Francisco José de Souza Soares d'Andréa, afirmou na sua mensagem dirigida à Assembleia Legislativa Provincial de Minas Gerais, e lida na abertura da sessão ordinária de 1843, que deveria ser excluída da instrução".

"No Brasil, na primeira metade do século 19, longe do litoral e em meio às montanhas, a escola foi criada, aqui, para ensinar a farmácia e a matéria médica, especialmente a brasileira. Enfrentando a proibição do governo central, esta iniciativa de políticos, educadores e profissionais de saúde deu origem ao primeiro curso de farmácia a funcionar desvinculado das faculdades de Medicina na América Latina", relata o autor. Pela sua longevidade, a Escola de Farmácia de

Ouro Preto se transformou numa testemunha da **luta pela melhoria das condições de vida no Brasil**, a partir de seu compromisso com a pesquisa, produção e uso adequado dos medicamentos".

No museu, visitante terá muito o que ver, pois o acervo guarda mais de **40 mil amostras de plantas** que registram a memória vegetal de Minas e estão diretamente envolvidas, de alguma forma, em fatos históricos como a Revolta do Ano da Fumaça, a Revolução Liberal de 1842, a Guerra do Vinho e a Proclamação da República, que completa 130 anos em 15 de novembro. No livro, há várias curiosidades. Uma delas é que nasceu, no laboratório da Escola de Farmácia de Ouro Preto, na década de 1920, a fórmula do guaraná Antárctica, pelas mãos do pesquisador Pedro Batista de Andrade. "Os três principais refrigerantes do mundo foram criados por farmacêuticos", diz o professor.

Serviço

Museu da Farmácia
Rua Costa Sena, 171, no Centro Histórico de Ouro Preto (atrás do Museu da Inconfidência)
Horário: de segunda a sexta-feira, das 13h às 17h
Telefone: (31) 3559-1630
Entrada gratuita
Livro: A Escola de Farmácia de Ouro Preto – A memória sublimada, pode ser adquirido no museu (R$ 90), na livraria Outras Palavras, em Ouro Preto, e nos sites da livrarias Martins Fontes e Travessa. Toda a renda é revertida para o Museu da Farmácia

RECEBA NOSSA NEWSLETTER
Comece o dia com as notícias selecionadas pelo nosso editor.
Digite seu email
RECEBER

© Copyright Jornal Estado de Minas 2000 - 2019. todos os direitos reservados.